

---

## APRESENTAÇÃO

Este número de *Horizontes Antropológicos* oferece uma contribuição para o desenrolar da discussão acerca do tema “estilo de vida”, pretendendo aprofundar a compreensão do que é ou do que podemos entender sob esse título e seu significado para a reflexão das ciências sociais e para a antropologia em particular.

Acredita-se que os estudos do que chamamos estilo de vida podem contribuir de forma significativa para o conhecimento dos processos que envolvem a sociedade contemporânea, as práticas e manifestações culturais bem como as representações sociais contidas nesse universo multifacetado.

Pode-se falar de estilo de vida, ou melhor, *estilos de vida*, englobando uma grande variedade de estudos espalhados em diversos campos, incluindo mesmo o que se convencionou chamar de cultura “material” e “imaterial”. Essa diversidade faz com que o tema remeta a assuntos variados, desde cosmologias e artes até aspectos do cotidiano, hábitos, corporalidade, padrões de consumo e tantos outros pensados, inclusive, em sua relação com pertencimentos e processos identitários.

Hoje a palavra “estilo” tem sido usada indiscriminadamente como algo relacionado a um certo refinamento, uma certa sofisticação (como em *personal stylist* ou em *estilistas*) ou como algo relacionado à saúde (saudável). Essa ideia, reforçada de maneira veemente pela mídia, fez com que alguns profissionais das ciências humanas se tornassem avessos a utilizá-la.

No entanto, “estilo de vida” tem uma história de uso dentro das ciências sociais que não pode ser descartada levianamente. Ela refere-se às vivências das pessoas, à sua maneira de viver, de se comportar, agir e pensar. Refere-se à sua postura, sua maneira perante a vida. Rompe-se, assim, com a ideia de que as classes sociais mais privilegiadas teriam “estilo de vida” e as demais somente “estratégias de sobrevivência”.

Se Douglas e Isherwood (2004) entendem os bens de consumo como “cercas e pontes”, podemos igualmente pensar que estilo(s) de vida, englobando os bens de consumo, mas jamais se restringindo a eles, refere-se às características específicas que unificam e distinguem, relacionando-se às

escolhas que pessoas e grupos fazem. Não por acaso, Pierre Bourdieu (1983, 2007), com seus estudos sobre os gostos e a distinção, é uma referência constante para quem trata do assunto.

Em antropologia, a discussão abarca também ideias sobre “modos de vida” ou “maneiras de viver” que levam à discussão de aspectos mais abrangentes do próprio objeto da ciência, a cultura.

Tratar com o assunto remete a questões relacionadas com projetos e subjetividades, tal como Gilberto Velho trabalha em seu artigo, que procura repensar os temas do cosmopolitismo e da mediação nos trazendo uma contribuição para os estudos antropológicos das modernas sociedades complexas, focalizando trajetórias e subjetividades a partir de pesquisas que tratam de projetos e estilos de vida dos indivíduos e/ou grupos sociais no contexto das metrópoles contemporâneas.

David Le Breton, que há alguns anos vem trabalhando com a temática do corpo e das marcas corporais, assim como com aquela das condutas de risco, no artigo que compõe esta edição une os dois temas de pesquisa, discutindo as escarificações, lesões corporais autoimpostas. O autor parte de pesquisa junto a adolescentes que praticam escarificação, discutindo suas motivações e os significados que atribuem às próprias marcas. Le Breton procura, sobretudo, romper com a ideia, bastante presente no senso comum, segundo a qual a prática da escarificação estaria relacionada com a valorização do sofrimento e até mesmo da morte. De acordo com o autor, as escarificações teriam, entre os jovens pesquisados, um significado contrário, dizendo respeito a uma tentativa de, através da dor física autoimposta, apaziguar o sofrimento emocional que acompanha essa fase da vida. Mais do que um desejo de morrer, portanto, elas expressariam um desejo de tentar continuar a viver.

Já o artigo de Mauro Guilherme Pinheiro Koury traz uma perspectiva de cunho mais teórico, apresentando e discutindo a questão dos estilos e modos de vida através dos processos de individualidade e de diferenciação na sociedade contemporânea, tendo como ponto de partida o conceito de liberdade individual na relação entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva de Georg Simmel.

Antonio Motta, por sua vez, traz uma reflexão não apenas sobre estilo de vida, mas também sobre “estilo de morte”. Tendo como foco as sociabilidades tecidas nos cemitérios, constrói um texto inovador, enfocando comportamentos e atitudes em um contexto ligado à morte.

---

Michel Daccache oferece uma reflexão sobre o conceito de “estilo de vida” na obra *Les Ameriques Noires*, de Roger Bastide, discutindo como práticas e representações mantidas em suposto isolamento até a abolição da escravatura passam a ser objeto de empréstimos, apropriações e deslocamentos de significado. O autor explora a ideia do estilo de vida enquanto barreira (na dimensão de sua inacessibilidade por aqueles que não pertencem a um grupo) e enquanto nível (como espaço de reconhecimento com base naquilo que é compartilhado). Mostra como, já em Bastide, os estilos de vida são vistos como determinados pelo lugar ocupado pelos grupos na dinâmica do espaço social, referidos sempre a lutas simbólicas por representação e legitimidade.

O artigo de Antonio José Pedroso Neto traz um estudo da organização empresarial Amway, percebida por seus membros enquanto uma fonte de ganhos financeiros, mas igualmente como um novo estilo de vida. O autor analisa os tipos de vínculos estabelecidos na empresa, enfatizando a ausência de vínculo contratual e de hierarquia formal, a adesão voluntária e a coesão temporária. Vemos, no quadro esboçado por Pedroso Neto, a importância do que chama “rituais Amway”, incluindo o sistema de treinamento e reuniões de trocas de experiência, para a instituição e estabilização das convenções partilhadas pelo grupo. O autor demonstra igualmente que a coesão, ainda que temporária, é garantida menos por interesses econômicos do que por outros elementos, como pertencimento, prestígio, rede social, cuja circulação acompanha as trocas profissionais/comerciais.

A partir de pesquisa etnográfica realizada na cidade de Buenos Aires, María Graciela Rodríguez discute o estilo de vida dos mensageiros de moto, grupo profissional que, no Brasil, denominamos “motoboy”. A autora mostra que, quanto ao gosto e aparência, esse grupo apresenta combinações bastante variadas, mas quase sempre localizadas num repertório restrito. Ainda que não seja possível falar em um único tipo emblemático de “motoboy”, já que comporta elementos bastante flexíveis e diversos, a autora nos mostra que suas construções identitárias são sempre balizadas por seu trabalho. Assim, os discursos sobre pertencimento ao grupo surgem frequentemente em oposição à contrafigura simbólica do sujeito que trabalha usando terno e gravata, o patrão, evocando representações sobre liberdade de movimentos e sobre sua posição particular no cotidiano de trabalho.

Maria Claudia Bonadio e Maria Eduarda Araujo Guimarães analisam a trajetória e a produção do artista gráfico Alceu Penna, demonstrando sua

importância para a criação de uma visualidade brasileira e de um estilo brasileiro na moda. As autoras apontam para uma sintonia entre a obra do artista e seu contexto, o Brasil das décadas de 1930 e 1940, permeado pelos ideais identitários propostos pelo Estado Novo. As figuras e imagens emblemáticas que povoam a obra de Alceu Penna, como a baiana, o malandro ou o calçadão de Copacabana, são alguns dos símbolos que seriam posteriormente retomados como elementos de brasilidade, inclusive pela moda brasileira contemporânea em sua busca por um “estilo nacional”.

Além do vestuário, outro assunto de grande interesse, dentro da temática “estilos de vida”, é o que se refere à alimentação. Mabel Gracia Arnaiz nos traz em seu artigo um estudo sobre práticas alimentares na Espanha, tendo como central a necessidade de estudos que metodologicamente possam caracterizar as maneiras de comer e verificar os fatores que determinam as práticas alimentares e a lógica subjacente nas escolhas alimentares contemporâneas.

Ainda versando sobre alimentação, a historiadora Isabel M. R. Mendes Drumond Braga traça um cenário das relações entre brasileiros e portugueses em Portugal através do fenômeno recente da introdução de ingredientes brasileiros no cenário da alimentação portuguesa, isto é, o fato de comidas brasileiras estarem presente na dieta de imigrantes e da adesão da população local a elementos alimentares que não faziam parte de seu cotidiano.

O *Espaço Aberto* traz um texto intitulado “Sobre o comportamento de chimpanzés: o que antropólogos e primatólogos podem ensinar sobre o assunto?”, de Eliane Sebeika Rapchan. A publicação do artigo em questão visa contribuir para o debate sobre um problema relevante para a antropologia, explorando uma área interdisciplinar e versando sobre as relações entre seres humanos e outros animais, tema este que tem sido amplamente discutido internacionalmente. Embora algumas questões sejam bastante controversas, tal como, por exemplo, o uso do termo “cultura”, que envolve um problema teórico importante no que diz respeito à distinção do homem em relação a todos os demais animais, ou, igualmente importante, a problematização das apropriações e (re)significações de conceitos como “aliança”, “tradição” e “cultura” para antropólogos e primatólogos, nosso intuito é justamente trazer à baila esse debate e contribuir para o aprofundamento da questão.

Para ilustrar a capa deste número reproduzimos a pintura *Casamento camponês*, de Pieter Bruegel, datada de 1566. Bruegel nasceu em 1524, nos Países Baixos, e morreu em 1569. Diversos de seus quadros retratam

multidões anônimas e o pintor é frequentemente comparado a Hieronymus Bosch. Bruegel mostrava interesse em pintar cenas populares e a vida cotidiana da população camponesa, tema pouco comum na pintura de sua época, mas transversal na obra do artista. *Casamento camponês* é um óleo sobre madeira e está no Kunsthistorisches Museum, em Viena.

Maria Eunice Maciel  
Débora Krischke Leitão

## Referências

BOURDIEU, P. Gosto de classe e estilo de vida. In: ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.